

CIRANDANDO AFETOS: Brincando de aprender

Marlene de Freitas



Aprendizagem:

A partir da concepção de criança como um ser inteiro, cujas potencialidades precisam ser exercitadas de forma integral, constatamos que as atividades, que ela realiza na escola não atende a essa prerrogativa, uma vez que, o tempo para cada uma delas é determinado a priori, devidamente estruturado de acordo com o entendimento da escola dessas necessidades: motoras, artísticas e até mesmo as de caráter lúdico espontâneo, como quer o professor.

Esse procedimento é contrário ao que se prega como foi observado na citação anterior, não vai de encontro à formação integral da criança, nem de suas necessidades. A criança precisa construir sua própria identidade ontológica. Necessita entender o mundo e nele se integrar de forma plena, desenvolver sua capacidade intelectual e social,

preparando para viver na coletividade de forma sensível, construindo assim sua trajetória humana e cidadã.

Na construção do conhecimento é importante adequar conteúdos às experiências empíricas das crianças, que dimensionam o seu “saber.” No sentido do desenvolvimento moral, são elas mesmas que geralmente constroem o seu próprio sistema de valores, na confiança que tem pelas outras crianças.

O principal objetivo da educação deve ser a formação de homens sensíveis, criativos, inventivos, solidários, possibilitando a aquisição de uma consciência crítica.

A aprendizagem depende muito da motivação e esta passa pelas necessidades internas da criança, impulsionando o seu desejo de participar. Ela tem necessidade de se expressar livremente, ser esperta e independente, curiosa, ter iniciativa, são características da personalidade integral da criança. O educador deve estar atento para essas necessidades e interesses e ter bem claro os seus objetivos.

Na sua práxis ele deverá construir estratégias metodológicas que garantam alcançar os objetivos e dentro dos recursos cogitados, o brincar é de fundamental importância.

Piaget dava grande importância ao caráter construtivo de desenvolvimento cognitivo infantil. Para ele as idéias não são inatas, nem adquiridas sem esforço e tão pouco são hereditárias. O desenvolvimento intelectual é produto da própria atividade da criança, que elabora e re-elabora o mundo a partir do que apreende dele.

Para conhecer alguma coisa, é preciso agir sobre ela e modificá-la, transformá-la, compreendendo o processo de modificação e é assim então, que se constroem as estruturas lógicas do pensamento. Se por exemplo, uma criança de 4 anos de idade brinca com sua boneca, lhe dá banho, penteia, ela está agindo por intuição, trocando com ela

relações de afeto, mas isso leva a criança a ter reações e a boneca a modificar-se. A criança vai construindo, nessa troca, suas estruturas mentais.

Para Vygotsky, existe uma relação entre um determinado nível de desenvolvimento e a potencialidade de aprender: nível de desenvolvimento afetivo e de desenvolvimento potencial - o que diferencia o que a criança aprende com o auxílio do adulto e o que ela faz sozinha.

Piaget defende a idéia de que a aprendizagem está do lado oposto do desenvolvimento, pois em geral é provocada por situações criadas por educadores, psicólogos, pesquisadores ou determinada por uma situação interna. Então, se ela é provocada, não é espontânea.

Para ele, a linguagem só aparece depois do pensamento e é básica no processo de desenvolvimento. Como ela é forma de expressão, de comunicação, é um meio de interagir socialmente. Por meio dela se desenvolve a imaginação e a criatividade, passando do pensamento concreto para o abstrato. A brincadeira facilita o meio de expressão.

A afetividade está sempre em consonância com o desenvolvimento do conhecimento e será ela que norteará o caminho da criança na escolha de seus próprios objetivos: amor, ódio, agressividade, medo, insegurança, são alguns dos afetos comuns, com os quais o educador deverá lidar para encaminhá-la em seu desenvolvimento.

A brincadeira, o jogo, propiciarão o progresso da criança na pré-escola na afirmação do eu, e ajudarão na consolidação dele, na idade escolar. Ao brincar se comprova a troca de afetos, entre adultos e crianças, e entre elas mesmas. É preciso pois, garantir o espaço da

brincadeira de forma que a criança possa expressar seus afetos e emoções, para que se integre plenamente no universo.

Na relação espaço-corpo, a criança necessita liberar seus movimentos, expandir seus gestos, construindo-os da mesma forma como acontece com o conhecimento, de acordo com o tempo e espaço e os recursos lógicos e psicológicos. O jogo é o meio básico para impulsionar o crescimento motor e também a alegria. Hoje, com o aprisionamento das crianças em quintais metálicos, comandados pelos jogos eletrônicos e pelo poder da televisão, mais do que nunca esses espaços de brincar precisam ser recuperados, ou criados.

Na relação com o mundo e com o outro, também a construção vem do interior, que decorrerá no desenvolvimento moral, onde ela estabelecerá suas regras próprias. Na relação coletiva, a criança sacrificará certos benefícios em função do outro, desenvolvendo cumplicidade e confiança mútua. Os jogos são feitos de regras elaboradas em grupo no ato de brincar e não podem ser desrespeitadas; o que colocará em risco o sucesso do brinquedo.

O Faz- de- conta na representação do real

Acompanhar a criança no brinquedo de faz-de-conta, constitui um exercício fascinante de observação.

Fica claro para quem assiste ao jogo de representar o mundo adulto, a sua significação dentro do contexto real da vida da criança: Ela é a mãe, é o pai, a polícia, o bandido, é sobretudo ela mesma sem intenção clara, nos diversos momentos vividos, espontaneamente, sem nenhuma necessidade de interferência, ou de direção. A criança improvisa a vida, em situações reais ou imaginadas.

*Lili vive no mundo de faz - de - conta.
Faz de conta que isto é um avião.
zum....
Depois aterrizou em pique e virou trem.
Tuc...tuc...tuc
Entrou pelo túnel chispando
Mas debaixo da mesa havia bandido
Pum! Pum! pum !
O trem descarrilhou. E o mocinho? Meu
Deus!
No auge da confusão levaram Lili para
a cama à força
E o trem ficou tristemente derribado no
chão, fazendo de conta que era mesmo
uma lata de sardinha¹*

Brincando ontem de casinha, de madame, de mocinho, de herói e bandido, polícia e ladrão hoje, as crianças reinventam o cotidiano com suas mazelas e alegrias, prêmios e castigos, refletindo os conflitos sociais presentes na realidade do adulto, frente às dificuldades impostas pela injustiça social. O Brinquedo permite fazer uma releitura do real e do imaginário da criança, cujos símbolos e significações podem ser entendidos como suporte de uma representação. *A criança que manipula um brinquedo possui entre as mãos uma imagem a decodificar.*²

O faz-de-conta, também chamado de jogo simbólico ou jogo dramático, utiliza-se da representação de objetos por outros com novos

¹-QUINTANA, Mário. *Lili inventa o mundo*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985

²-BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo. Cortez. 1997, p8.

significados, que lidam com as experiências internas da criança, servindo de referência para a sua organização. Esses jogos, enfatizam a imaginação, presente nas mais variadas atividades lúdicas espontâneas, em que a criança permanece absorta, como; pular corda, cortar papel, construindo torres com pedaços de madeira, brincando de boneca e outras como “voar”, cair, correr , balançar.

O auge do faz-de-conta é dos dois aos quatro anos, quando começa a dar lugar a outros tipos de jogos, que poderão ser estimulados na escola, aliados aos conteúdos programáticos, uma vez que a criança em idade escolar já não mistura mais o real com o imaginário. Dessa forma o brinquedo tem um papel fundamental no desenvolvimento infantil, pois cria novas relações entre situações no pensamento e situações reais.

No faz-de-conta, os desejos e sonhos irrealizáveis podem se realizar, isso resolve muitas vezes, situações internas de conflito.

Roda que roda

Hoje em dia a cirandinha já não atrai; no entanto, bem pouco tempo atrás, era uma atividade espontânea, vista nas ruas e praças, pátios e festas de casa. Sua linguagem, de insinuação, por excelência, era muito apreciada pelas crianças e adolescentes. Os namoros eram mais comedidos, não havia a estimulação da sexualidade precocemente, como se vê hoje pelos meios de comunicação, o momento da roda despertava um grande interesse e curiosidade, pois ela se constituía como espaço de relações afetivas. As barreiras de comunicação entre meninos e meninas eram maiores, reforçando o aspecto de insinuação das cantigas. Mesmo que da roda só

participassem meninas, nas representações de papéis; o pai, a moça, o namorado, etc., evidenciavam as suas preferências pessoais.

Além de tudo isso as opções de lazer não eram tão variadas como hoje, as formas de divertir eram estáveis e tradicionais. Havia um tempo para cada coisa: de empinar papagaios, de jogar pião e biloca, o das cirandinhas.

O avanço tecnológico e seus frutos, como por exemplo, os meios de comunicação de massa, determinam e modificam o uso do espaço e do tempo. As manifestações populares passam a ser consideradas Folclore, que minimamente se tornam objetos de estudo. Institucionalizam e chegam a se tornar disciplina escolar, como é o caso das cirandinhas, que passam a existir em função pedagógica no currículo obrigatório das pré-escolas e das primeiras séries do ensino fundamental, hoje nem isso talvez. Assim institucionalizadas, as cantigas de roda perdem o seu papel cotidiano de lazer e torna-se recurso pedagógico em contexto escolar.

Com as mudanças de atitudes e comportamentos, a transformação de valores sociais, as cirandinhas se tornam obsoletas, fora de moda. Suas canções se cristalizam no tempo, revivendo situações medievais (como Senhora Dona Sancha, por exemplo.), linguagem em desuso, opção de grau zero de lazer e atividade lúdica, face à imitação dos super-heróis, personagens dos vídeos e dos jogos eletrônicos e todos os demais frutos da moda, carregados de prestígio, elas perdem de vez o seu espaço nas brincadeiras das crianças e na lembrança dos pais.

Além disso, o tempo da criança que seria para o brincar, foi substituído por atividades consumidas pela escola, que desde muito cedo está presente em sua vida.

Na relação adulto-criança-cantiga mudou muito também. A cantiga que fazia parte da vida das famílias, nas tardes de Domingo, nas portas

das ruas, nas praças, o que estreitava as relações e ampliava os afetos perde o espaço, por ausência de tempo, pelo crescimento da violência, pelo desaparecimento da ingenuidade infantil, pela massificação do consumo. Essa negligência talvez inconsciente até, com o exercício lúdico da infância estimulada pelos que se preocupam com ela, perde em essência, pois na roda manifestavam-se os afetos, os anseios, as paixões, preparava-se para o amor, faziam “a corte” no treino alegre da sedução, características dos jogos amorosos, tão necessários no estreitamento dos laços afetivos na condução da vida. Nos textos das cantigas mencionam-se locais de encontros, a escolha, o amor:

*“Desanda a roda”.
Porque quero me casar
As moças que estão na roda
Escolhem um moço que lhes agradar*

*Este não me serve, aquele não me agrada
Só a ti hei de querer
Só a ti, só a ti, só a ti hei de querer”.*

(Domínio Público)

Aqui vemos o diálogo entre o pretendente e a roda, em que ele justifica a sua presença pelo desejo de se casar. Nesse sentido a roda corresponderia então, às boates, bailes e reuniões dançantes nos dias de hoje.

No relacionamento da criança com o mundo adulto, ela sempre estará buscando a sua referência ontológica no adulto que a cerca, com base na segurança que este lhe mostra, a sua voz condutora, orientando-a, servindo-lhe de espelho, na sua vida, no seu cotidiano. A criança manifesta no faz-de-conta, essa percepção do real, ela é dona-de-casa, pedreiro, motorista, engenheiro, médico, namora, casa-se, cuida dos filhos. Naturalmente vão construindo seu próprio mundo a partir do que existe à sua volta, se o que lhe é mostrado constitui o seu

universo infantil, essa deve ser a grande preocupação com o vir a ser. “Se, ante seus olhos, o “FUNK” desfila, é o “FUNK” o seu espelho; se desfilam cantigas de roda, serão essas o seu espelho” (Jurado Filho, Teses-p.28)

Faz-se mister, a indagação sobre o que oferecemos às nossas crianças como propiciador para a sua plenitude humana. O que entregamos a ela como contribuição para a sua formação cidadã, para o seu crescimento físico, intelectual e afetivo de forma que possa no futuro, ver a vida e seus atributos de forma grandiosa e consciente, convivendo com o universo de forma harmônica e criativa. Se assim procedermos, precisamos nos remeter a um outro tempo, aos nossos antecedentes e as suas formas de construção da cultura, da sabedoria atávica e generosa, da alegria plena das celebrações da existência.

As cirandas são ainda o patrimônio de legado da cultura popular brasileira, que nos coloca em contato não só com o nosso passado, mas também com todos os nossos arquétipos universais; Jurado nos diz que a roda é o elemento de aglutinação e força espiritual presente em todos os momentos da humanidade. Elas não podem ser quebradas, não podem cair no esquecimento, pois fazem parte da nossa história de vida, enquanto trabalham com elementos importantes da condição humana, e da história de nosso povo.

Como recurso de educação, as cirandas são motivações para o movimento, a expansão espacial, a exploração corporal, (mãos dadas no giro para a esquerda, direita, parando, volteando, saltando, apalpando, palmeando e muitas outras aproximações corporais, proporcionadas pelas cirandas) ampliam o referencial humano: Quer melhor possibilidade o que cirandar por local determinado e ir explorando as aberturas e limites dele? Ou ficar em fila, esperando a

vez de sair para dar “o tiro lá”, só que em fila em que muitos andam juntos e não sob o comando de apenas um... (Abramovich-60)

As cantigas de roda marcaram a infância de todos e nos reportam ao passado de nossos avós, plenas de elementos significativos e tão belos, que nos aproximam uns dos outros estreitando laços de afeto, cortesia, singeleza e fraternidade, por isso não podem morrer. Deve ser compromisso da escola, garantir o seu retorno aos pátios no recreio, já que outros espaços urbanos comprometem a sua existência, só assim estaremos resguardando o patrimônio cultural do universo infantil e o direito de ser criança.

Essa responsabilidade de resguardar a infância, cuidar para que seja de fato vivida nas suas etapas de desenvolvimento humano, pesará com mais força sobre os nossos ombros, se não “varrermos a casinha,” se não cuidarmos da “boneca,” se não rompermos o “cabo de guerra,” se não procurarmos no “boca-de-forno,” se não enxergarmos as “Terezinhas de Jesus,” se não enfrentarmos a próxima casa da “amarelinha,” se correremos sempre para frente sem nunca parar no “pique,” se não apararmos a bola dividindo-a na “Maria Viola,” se não “passar o anel,” se não entrarmos na “ciranda cirandinha” e dar meia volta sempre que precisar, se não voltarmos, ainda que por instantes, a ser crianças, se não buscarmos no começo de cada dia, os restos de manhã, para a reconstrução da vida.

Referências Bibliográficas

ABRAMOCHI, Fanny. **Quem educa Quem?** São Paulo: Scipione, 1974.
FILHO, Jurado. **Cantigas de Roda- Teses.** São Paulo: Record - 1968